

Paulo Freire: um homem do seu tempo

*Paulo Freire:
a man and
his time*

*JOSÉ CARLOS MAZIERO**

* Professor do IMS e doutorando no mesmo Instituto.

Resumo Abstract

Este texto visa
caracterizar a trajetória
do pensamento do pesquisador
da área de comunicação social
Paulo Freire.

São levantadas as
obras e traçadas as
principais temáticas, assim como
alterações no seu percurso
intelectual.

Palavras-chaves:

Paulo Freire
Biografia

The present text
aims the characterization
of the researcher on
the social communication area,
Paulo Freire.

It presents the works
done, the main
thematic lines, as
well as changes
occured in his
intellectual trajectory.

Key words:

Paulo Freire
Biography

Por que Paulo Freire?

Um estudo da influência dos pensadores latino-americanos para a consolidação da Comunicação enquanto ciência, não poderia, de forma alguma, deixar de incluir este que é um dos maiores pensadores brasileiros contemporâneos, reconhecido no mundo inteiro principalmente no campo da Educação enquanto “inovador revolucionário da educação de adultos, nos países do Terceiro Mundo — sobretudo na América Latina — desde a década de 60” e por sua “capacidade de fazer generalizações universais a despeito de sua raiz cultural específica.”¹

Paulo Reglus² Neves Freire (PF), um pernambucano de Recife, nascido em 19 de setembro de 1921, no bairro de Casa Amarela, ficou famoso no Brasil como autor do “método Paulo Freire” e pelas consequências que a aplicação de tal método lhe trouxe, assim que o golpe militar toma o poder aqui em 1964. Na década de 70, estando ele exila-

¹ Venício Arthur de Lima. *Comunicação e Cultura: as idéias de Paulo Freire*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981, p.141.

² Moacir Gadotti. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo, Scipione, 1989. “Seu nome foi invenção do pai. Deveria ser Re-gu-lus, mas houve erro no cartório”, p. 20.

do, víamos sua fama crescer quanto mais sentíamos o proselitismo e fracasso do Mobral,³ programa de alfabetização implantado por Tarso Dutra, em 15/12/67, então ministro da Educação do regime autoritário.

Por que este ex-professor de Português do Sesi, católico, formado em Direito, sem entretanto advogar, foi considerado um perigo ao “establishment”, um “subversivo”, se a sua atividade não era partidária? Que massas eram essas que se levantariam contra o regime por terem sido alfabetizadas? Não poderiam elas “ler” o mundo e concordar com tudo o que estava sendo feito pelo poder? Estaria sendo inoculado um germe de rebeldia no momento da alfabetização ou seria a própria alfabetização o que amedrontava a ditadura? E por que amedrontava se, paradoxalmente, “pessoas sérias” da própria esquerda chegaram a vê-lo cooperador, colaborador do sistema? Viam-no como alguém cooptado pela Aliança para o Progresso!⁴

Quem conhece um pouco da história do Brasil, das oligarquias brasileiras, da privatização do Estado brasileiro, do regime patrimonialista, cartorial, que aqui se desenvolve desde a distribuição das sesmarias, sabe que a consciência popular sempre atemorizou aqueles que dominaram à custa da ignorância a que se relegou o povo. Mas sabe também que o sectarismo, de direita ou de esquerda, sempre foi condenado por PF.

O discurso de PF, por não ser retórica vazia, busca sinceramente o despertar da consciência para a ação transformadora e isso atemoriza. O diferencial em PF é como conseguir esse despertar, como convencer o “educador” de que os processos pedagógicos até então falharam, não por culpa da “cultura” dos “educandos”, mas porque a forma de se

³ Luiz Antonio Cunha e Moacyr de Goes, *O golpe na Educação*, 3ª ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, pp.59 e 60. Se a taxa de analfabetismo de 1970 era de 33,6% para a população de 15 anos e mais, dez anos depois tinha baixado para 25,4%, ou seja, uma diferença de apenas 8,2%. Para uma barulhenta cruzada alfabetizadora, que esperava uma taxa “residual” de analfabetos em 1980 inferior a 10%, era o fracasso proclamado aos quatro ventos.

⁴ *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais, 26/5/94. Fui criticado por alguns elementos da esquerda, que me pensaram pervertido já pela Aliança para o Progresso.

“comunicar” entre educador/educando é que estava equivocada, não raras vezes, sem consciência do próprio “educador”. Embora não goste do carimbo “Método Paulo Freire”, sua grande contribuição estaria aí, em como obter resultados onde antes só havia, quando havia, boas intenções. E isto ele consegue ao tratar o ensino como um fato de linguagem, como um fato político. PF chamou a atenção para a responsabilidade de educar, aliando competência técnica à conscientização política.

Se a chave do problema para esta pedagogia transformadora é a “comunicação”, tratemos de PF, aqui, como um dos pioneiros do pensamento em Comunicação na América Latina.

A vida como narrativa

Não é difícil, para nós, entender a vida como uma grande história pessoal, com começo, meio e fim. Nada impede que, entretanto, não precisemos encarar a morte como um fim, pois esta nem sempre é também o fim último. Muitos são os casos em que a vida “pública” de alguém só ocorre depois de uma avaliação póstuma e vejamos, então, ressuscitados e julgados, muito do que alguém fez durante a vida. Se encarmos que o que fizemos vive além de nós, que impregnamos o mundo com nossa marca e esta pode ser mais perene que nós mesmos, então, uma análise da obra, em qualquer condição é sempre válida. O que importa é que recortemos a vida em pequenos trechos de vida, e analisemos se este pequeno trecho é representativo de uma essência, ou ainda, se ele revela estabilidades que, logicamente, possamos vê-las como estruturais. Assim é o caso de PF. Para analisar a sua contribuição para a comunicação, gostaria de propor uma análise das estruturas que compõem uma narrativa de vida, e assim, didaticamente, explicitar sua trajetória.

Um esquema

Tomando as quatro fases da narrativa como parâmetro, ou seja, Manipulação: algo/alguém (1) convence/obriga a algo/alguém (2) a fazer

alguma coisa; Competência: este algo/alguém (2) procura adquirir um saber/poder para realizar a alguma coisa a que foi manipulado; Performance: este algo/alguém (2) adquire competência e realiza a alguma coisa; Sanção: este algo/alguém (2) é punido ou recompensado por realizá-la, procuraremos contar a narrativa da história de PF.

Desta forma, a proposta é analisar a trajetória de Paulo Freire a partir do que ele “realizou” — suas obras — como ele busca a “competência” para realizá-las — o contexto político, religioso e o pensamento fundante de sua pedagogia — o que o “motiva” a buscar soluções para os problemas com o qual se depara — a injustiça social, a pobreza, a fome, pessoal e alheia — e o “julgamento” feito pela sociedade, ora positivo — o reconhecimento internacional pelo seu trabalho — ora negativo — o exílio do Brasil sob a fama de subversivo.

Performance

Como a ordem de apresentação das fases não é fixa, partiremos do que realizou Paulo Freire, iremos deduzindo as outras fases.

Se na introdução já falamos, por alto, do que ocorreu a PF por sua atuação no Brasil — logo, a sanção tanto positiva quanto negativa — vamos tentar conhecer melhor o que fez ele.

Considerando que sua vida pública é o motivo pelo qual foi julgado, podemos afirmar que sua performance consta de “pequenas” performances, realizadas ao longo do tempo, mas que unidas constituem a grande contribuição, o legado que o autor deixa à humanidade. E estas são não só o método pelo qual se torna conhecido, mas principalmente a prática política que exerceu durante todo este período e que podemos percebê-la simbolicamente através de suas obras escritas, já que ele as considera “relatórios de trabalho sobre alguma fase de atividade político-pedagógica”.⁵

⁵ Paulo Freire, *Cartas à Guiné Bissau*. p.

Dentre as inúmeras publicações de artigos, entrevistas, ensaios e livros, relacionar-se-á aqui, em ordem cronológica, os livros editados no Brasil, escritos por ele. Esta lista, além de não exaustiva, não conta também com as inúmeras contribuições que PF deu a livros organizados por outros autores.

- 1959 — *Educação e atualidade brasileira*. Tese de História e Filosofia da Educação, Universidade de Recife, s/e, Recife.
- 1967 — *Educação como prática de liberdade*. Paz e Terra.
- 1971 — *Extensão ou Comunicação*. Paz e Terra. (1969-Chile)
- 1974 — *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra (1970-EUA)
- 1976 — *Ação cultural para a liberdade: outros escritos*. Paz e Terra.
- 1977 — *Cartas a Guiné-Bissau: relatos de uma experiência em processo*. Paz e Terra.
- 1979 — *Conscientização: teoria e prática da libertação — uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Cortez e Moraes.
- 1979 — *Consciência e História: a praxis educativa de Paulo Freire*. Loyola.
- 1979 — (2ª ed) *Multinacionais e trabalhadores no Brasil*. Brasiliense.
- 1980 — *Vivendo e aprendendo: experiência do IDAC em educação*. Brasiliense.
- 1981 — *Ideologia e educação: reflexões sobre a não-neutralidade da educação*. Paz e Terra.
- 1981 — *Educação e Mudança*. Paz e Terra.
- 1982 — *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. Cortez.
- 1983 — *Paulo Freire ao vivo*. Loyola.
- 1984 — *Sobre educação: diálogos*. volume II. Paz e Terra.
- 1985 — *Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho*. Ática.
- 1985 — *Por uma pedagogia da pergunta*. Paz e Terra.
- 1987 — *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Paz e Terra
- 1989 — *Que fazer: teoria e prática em educação popular*. Vozes.

- 1990 — *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Paz e Terra.
- 1992 — *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Paz e Terra.
- 1993 — *Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar*. Olho d'Água.
- 1995 — *Cartas a Cristina*. Paz e Terra.

Todos estes livros caracterizam a personagem que ora tratamos como alguém que constrói um pensamento sobre a prática de uma educação libertadora.

Competência

Entretanto, se isso é o que ele realizou, é-nos mais interessante ainda verificarmos como ele adquire um saber/poder para realizar tão imensa produção, ou seja, como adquire competência. Ora, a competência se adquire ao longo da vida, em função de um desejo de vencer os obstáculos que encontramos, de transpô-los, para seguirmos em frente. Assim, podemos dizer que para atingir um dos seus grandes objetivos de vida — metodologia para o despertar de uma consciência transformadora do mundo — PF estuda, pesquisa, escreve e ensina.

A princípio Paulo Freire seria advogado. Coursou a faculdade de Direito da Universidade Federal do Recife, onde se graduou. Apenas em 1959, já exercendo o magistério, obtém o grau equivalente a doutor em História e Filosofia da Educação, defendendo a tese sobre *Educação e a Realidade Brasileira*.

Desde os 23 anos de idade, PF já lecionava Gramática Portuguesa no curso secundário, oportunidade em que conheceu Elza Maia Costa de Oliveira, cinco anos mais velha que ele, com quem se casou em 1944. Ela foi uma das grandes incentivadoras para que PF se dedicasse aos estudos sistematicamente, inclusive colaborando no método pelo qual ele se tornou conhecido.

Sua atividade enquanto professor de Gramática já o desperta para a questão da compreensão da língua daqueles que não tinham voz. Percebe ele a dificuldade de construção na sintaxe da língua culta, por parte

dos alunos, e começa a refletir sobre a linguagem popular e a necessidade de fazê-los participar do diálogo. “O estudo da linguagem do povo é o ponto de partida para o aperfeiçoamento de seus trabalhos em educação popular e para a evolução de sua pedagogia.”⁶

Mais tarde, em 1946, é convidado para dirigir o setor de educação do SESI, onde permanece oito anos, coordenando trabalhos de professores com as crianças e as famílias destas. Esta experiência com as famílias o enriquece muito, no sentido de compreender que a dificuldade de aprendizado estava diretamente relacionada à dificuldade da família em ganhar o suficiente para sobreviver.

A preocupação com a não-participação do educando no processo de aprendizagem é algo que incomoda PF. Fazê-lo falar, descobrir-se e agir no sentido de alterar sua realidade de oprimido, será sua luta interminável. Entretanto, tais preocupações não se dão isoladas no tempo e no espaço.

Para entender as forças condicionantes do pensamento de Paulo Freire, tomemos resumidamente o que Venício A. de Lima nos apresenta como elementos: o contexto político desde a revolução de 30; o nacionalismo como ideologia dominante; o catolicismo radical e os movimentos de cultura popular.

Paulo Freire vive num Brasil que, desde a década de 30, tem uma estrutura política complexa. Não há mais hegemonia das oligarquias no poder, mas estas participam juntamente com a emergente burguesia industrial, pressionadas pela nova classe popular urbana. A crise interna de poder faz surgir um tipo de líder “populista”, que se identifica com o Estado e manipula as classes populares para a legitimação deste e dele próprio. Este populismo tem lugar numa “experiência democrática” que, iniciada em 1930 e interrompida durante o Estado Novo, iria terminar em 1964, quando a concessão do poder atinge seu limite e as classes populares — inclusive no meio rural — mobilizam-se e confrontam-se

⁶ Moacir Gadotti, p. 25

com o poder, culminando com o golpe militar. É neste contexto que as idéias de Paulo Freire florescem e são aplicadas nos movimentos de cultura popular e educação de adultos.

O nacionalismo torna-se força ideológica dominante no Brasil, a partir também da revolução de 1930. Entretanto, será na década de 50, com a criação do ISEB — Instituto Superior de Estudos Brasileiros — que ele se transformará na ideologia oficial do Estado. Tal ideologia fundamentava-se principalmente na interpretação econômica da realidade brasileira. Esta condenava o sistema de economias complementares, em que transações entre “centro” e “periferia” se davam à custa da deterioração dos termos de intercâmbio entre os países industrializados e os subdesenvolvidos, como se tal ocorresse resultante de forças impessoais e automáticas do mercado internacional. Na ideologia isebiana, a única classe capaz de implementar as mudanças necessárias para o desenvolvimento era a burguesia nacional. Desta forma, cumpria às classes populares apoiarem a burguesia neste projeto histórico brasileiro.

Ora, um país economicamente dependente também o é culturalmente. Assim, reconhecia-se que o país subdesenvolvido o é também porque o homem que o constitui se acha subdesenvolvido, inferiorizado, complexado, alienado. Logo, “humanismo e nacionalismo significam a superação de uma alienação: no primeiro caso, a alienação do homem; no outro, da nação.”⁷ Freire admitia a influência do ISEB e o saudou como instituição que negava a negação do Brasil.

Já mencionamos o catolicismo de Paulo Freire. Cabe agora situar aquilo que se chamou de catolicismo radical, grupo do qual Freire não só participou como imprimiu sua marca. Se a Ação Católica, da qual Freire fazia parte, era uma instituição que pecava pela inoperância política, a Ação Popular, que nasce em junho de 1962, tendo muitos militantes da

⁷ Alvaro Vieira Pinto. Consciência e Realidade Nacional. *Comunicação e Cultura*, p. 34.

JUC em seus quadros, incorporará a noção de consciência histórica e assumirá, em decorrência, a ação política propriamente dita. Tal ação achava-se engajada em atividades voltadas à promoção da conscientização e da mudança social através de várias instituições, dentre as quais o Plano Nacional de Alfabetização (dirigido por Freire) e os movimentos de cultura popular — que teve Freire como um dos fundadores.

Se a sociedade brasileira atingira um ponto de ruptura na primeira metade da década de 60, como nos frisa Venício, a ambigüidade do poder populista engendra uma mobilização popular, que se mostraria mais ativa e eficiente no campo da cultura. Os movimentos de cultura refletiam as forças ideológicas em jogo, na época.

Tínhamos basicamente três grupos que se organizavam em âmbito nacional: o Movimento de Cultura Popular (MCP), o Movimento de Educação de Base (MEB) e o Centro Popular de Cultura (CPC). O MCP foi fundado em Recife, em maio de 1960, formado por estudantes universitários, artistas, intelectuais, dentre os quais Paulo Freire — cujo objetivo principal era “encontrar uma prática educacional brasileira, ligada às artes e à cultura do povo.” O MEB era organizado com base na Igreja e apoiado pelo governo federal. A maior parte de seus militantes tinha alguma vinculação com a Ação Católica ou JUC, e tinha como objetivo principal a alfabetização da população rural. O CPC era formado por um grupo de jovens intelectuais e artistas ligados ao Teatro de Arena. Sua preocupação central era a marginalização do artista face ao povo e como fazer para sua mensagem política chegar a ele, nos seus locais de trabalho ou moradia. Para ganhar a amplitude nacional, vincula-se à estrutura da UNE (União Nacional dos Estudantes). Ideologicamente, enquanto o MCP e o MEB estavam comprometidos com a idéia de atribuir ao povo a responsabilidade de escolher sua própria direção política ou ajudar os homens a se ajudarem a si mesmos, o CPC baseava-se na concepção de

cultura popular como algo feito *para* o povo, envolvendo uma politização do conteúdo das formas de expressão artística.

É, portanto, neste contexto histórico de participação popular e de valorização do sujeito e da nação, de orientação católica radical no sentido de ir à raiz do objeto sem, entretanto, ser sectário — pois isto seria reduzir-se ao não enxergar a posição do outro —, e de um humanismo traduzido pelo amor à liberdade do homem, que Paulo Freire empreende sua ação para a transformação social.

Se o aspecto fundamental do seu trabalho é a preocupação com a Educação, palavra cuja etimologia ajuda, em muito, a desvendar o objetivo perseguido, ou seja, o trabalho de conduzir para fora aquilo que existe no sujeito, desenvolvendo suas potencialidades, PF admite que somente a compreensão da significação com base no diálogo é capaz de subverter o conceito de educação bancária, que ele define como aquela em que um sujeito que se pensa superior — o educador — deposita conhecimentos na mente vazia de um interlocutor, neste caso o educando, considerado objeto. Ao levar o conhecimento, como se pudesse transportá-lo num balde, para o educando, tal conteúdo seria estático, incompreensível, rejeitado ou, no mais das vezes, assimilado acriticamente.

PF parte do princípio de que o significado de um signo não está dado pelo próprio código, mas que tal significado só o é se construído num processo de significação em que devem participar educando/educador como sujeitos construtores do significado. Isso só é possível numa atitude dialógica. Como diz o próprio Freire em seu livro *Extensão ou Comunicação*:

Enquanto a significação não for compreensível para um dos sujeitos, não é possível a compreensão do significado a qual um deles já chegou e que, não obstante, não foi apreendido pelo outro na expressão do primeiro. Vê-se assim que a busca do conhecimento que se reduz à pura relação sujeito cognoscente-objeto cognoscível, rompendo a estrutura dialógica do conhecimento, está equivocada, por maior que seja sua tradição.⁸

⁸ Paulo Freire. *Extensão ou Comunicação*, p. 68.

A atitude que envolve o diálogo deve levar, portanto, em consideração a realidade sógnica do educando para, compreendendo-a, poder fazer evoluir tal realidade.

Ora, o diálogo é uma atitude eminentemente de comunicação, e é aí que PF coloca a necessidade de também uma pedagogia da comunicação, ou seja, um entendimento de que um processo de verticalização não é comunicação, pois o objeto da informação é um sujeito mudo. Ressalte-se aqui que, embora esta verticalização possa induzir que se esteja falando dos meios de comunicação de massa estritamente, veremos que Paulo Freire não coloca os MCM como unidirecionais aprioristicamente. A verticalização pode se dar na medida em que um dos interlocutores se coloque numa posição de superioridade em relação a outro, assumindo respectivamente as funções de sujeito e objeto de comunicados.

O mutismo da palavra, signo de uma alienação de poder que, historicamente, nos é imposto pela forma como fomos colonizados — um povo sem direito a voz — perdura não só porque a classe dominante procura fazer os dominados verem-se como incapazes, principalmente, de se manifestarem — e isso acontece desde as primeiras tentativas em casa, depois na escola, no trabalho etc., como também se utiliza dos educadores, da própria classe dominada, para exercer o autoritarismo na fala. O povo fala, mas é uma fala alienada, acrítica.

Para Paulo Freire, dar voz ao povo é dar-lhe o poder de pronunciar a palavra verdadeira, que nasce da práxis, ou seja, a palavra refletida que desencadeia uma ação transformadora. Para tanto, o conceito antropológico de cultura é fundamental para a tomada de consciência por parte dos educandos, na medida em que estes abandonam a concepção mágica ou ingênua da realidade e desenvolvem um entendimento cada vez mais crítico.

Nos seus trabalhos nos círculos de cultura, PF elabora dez situações existenciais representadas visualmente que, discutidas pelos analfabetos, levam à compreensão de que a cultura é a transformação da natu-

reza pela ação do homem sobre ela, ou seja, o trabalho; que há necessidades e materiais diferentes aos quais a cultura responde; que há uma tradição que permanece mesmo quando as necessidades já não existem — o que pode levar a cultura a desempenhar um papel conservador e, por fim, que o homem, quando reflete sobre sua ação, percebe a relatividade de sua ignorância ou sabedoria, retirando assim um dos fundamentos da manipulação pelas falsas elites.

Ora, a incompreensão da interpretação mágica que o camponês tem do mundo leva à incomunicabilidade com o povo e fica patente nos inúmeros projetos malogrados de difusão de novas tecnologias — e saberes — no meio rural. Ao discutir o conceito de extensão no seu livro *Extensão ou Comunicação*, PF contribui enormemente para um questionamento dos paradigmas funcionalistas que vêm na pura persuasão propagandística a chave para a aceitação de novas técnicas. PF nos diz:

A tendência do extensionismo é cair facilmente no uso de técnicas de propaganda, de persuasão, no vasto setor que se vem chamando de “meios de comunicação de massa”. Em última análise, meios de comunicados às massas, através de cujas técnicas as massas são conduzidas e manipuladas, e por isto mesmo, não se encontram comprometidas num processo educativo-libertador.

Esta advertência que fazemos, é óbvio, só se dirige a quem se serve destes procedimentos equivocadamente e não por outras razões.⁹

Desta citação podemos inferir que para Paulo Freire os Meios de Comunicação de Massa podem ser invasivos, aculturadores, antidialógicos, quando “se servem, destes procedimentos.” Logo, quando não se servem não necessariamente o serão.

Entretanto, é de se perguntar, como o fez Venício em sua crítica,¹⁰ se a co-participação do sujeito no ato de conhecer não torna difícil enquadrar

⁹ Idem, p. 78.

¹⁰ Venício A. Lima. *Comunicação e Cultura*, p. 125.

os “mass-media” entre as formas de comunicação. Se o dialogismo não se aplicaria somente à comunicação face-a-face, interpessoal. Esta mesma crítica é feita a Emanuel Mounier — uma das mais importantes fontes intelectuais e religiosas do pensamento de Freire.

Se até então Paulo Freire tinha colocado a comunicação como elemento fundamental para o processo educativo mas raramente tivesse falado dela especificamente, em 1984 ele publica o livro *Sobre Educação: diálogos*, fruto de um diálogo com Sérgio Guimarães, em que no volume II trata especificamente da sua visão em relação aos Meios de Comunicação de Massa e de sua importância para a Educação.

Referindo-se especificamente a eles, portanto, Paulo Freire critica a forma como os MCM têm, em grande parte, feito “comunicados” ao invés de comunicação. Os comunicados são simplesmente transferência de dados, que são ideológicos, e, muitos, bem disfarçados. Entretanto, ele se vê como homem do seu tempo e, portanto, não negaria aquilo que o próprio homem criou. Nas suas próprias palavras:

Não sou contra a televisão. Acho, porém, que é impossível pensar o problema dos meios sem pensar a questão do poder. O que vale dizer: os meios de comunicação não são bons ou ruins em si mesmos. Servindo-se de técnicas, eles são o resultado do avanço da tecnologia, são expressões da criatividade humana, da ciência desenvolvida pelo ser humano. O problema é perguntar a serviço do que e a serviço de quem os meios de comunicação se acham. E esta é uma questão que tem a ver com o poder e é política, portanto.¹¹

Entretanto, uma outra questão se poderia ainda colocar, como a de que é difícil se pensar numa situação dialógica quando os MCM têm, por natureza, a verticalização da informação, na medida em que são uma voz para muitos ouvintes.

Paulo Freire diz que a questão da unidirecionalidade é algo que o próprio homem superará inventando a tecnologia apropriada para tal. E cita, entusiasticamente, um caso:

¹¹ Paulo Freire e S. Guimaraes. *Sobre Educação*, volume 2, p. 14.

Há emissoras em São Paulo que estão estabelecendo um diálogo extraordinário entre os ouvintes. Eu mesmo já dei entrevista sobre nosso livro num desses programas em que o radialista transmite o programa de nossa própria casa. Um outro entra no ar, dá um palpite, faz perguntas etc. São programas em que o ouvinte conversa com o ouvinte, mediado pela estação de rádio.¹²

Quanto a sua utilização nas escolas, PF se mostra totalmente favorável, desde que se trabalhasse com os alunos na decodificação dos meios.

Era preciso que, do ponto de vista da política educacional, se usassem o mais possível esses instrumentos de comunicação, desvelando-se e desmistificando-se, porém, esses instrumentos, para que a criança ou adolescente não ficassem simplesmente diante deles como um fato consumado.¹³

Por fim, o que se nota das posições de PF acerca da utilização dos MCM na escola é uma postura gramsciniana de atuação, quando diz:

Eu sei que a prática educativa não muda radicalmente antes que radicalmente mude a sociedade mesma, como um todo, antes que a gente transforme as estruturas da sociedade.

Mas sei também que não posso é esperar pela mudança radical da sociedade para depois então mudar a educação. É possível ir alterando, ir mudando, ir pondo cunhas no sistema educacional. Tudo quanto se puder fazer para melhorar hoje as condições de ensino e viabilizar às crianças e aos adolescentes de hoje uma possibilidade melhor de compreender a realidade, quanto mais se possa fazer isso, melhor.¹⁴

Manipulação

Entendendo, no contexto da Lingüística, *Manipulação* como motivação, podemos nos perguntar o que o levou a traçar esta trajetória de vida, ao menos, inicialmente.

O próprio autor, ao nos contar sua vida, dá pistas para a depreendermos. O desejo de transformar o mundo nasce não só da percepção da realidade cruel que verifica no sertão de Pernambuco, uma

¹² Idem, p. 28.

¹³ Idem, p. 36.

¹⁴ Idem, p. 68.

região castigada política e geograficamente, com um povo miserável, faminto, analfabeto, mas também de sua própria experiência de órfão, sustentado por tios, na cidade de Jaboatão, período em que também passou fome.

Além da pressão da realidade, há toda uma inquietação que a educação cristã — o espírito de redenção — e depois marxista — a práxis para uma justiça social — impelem para uma ação. O desejo de liberdade o leva a uma pedagogia da libertação.

Sanção

PF foi sancionado pela sua atividade? Sim. A *sanção* é tanto negativa, quanto positiva. Aliás, no seu caso, foi uma quem deu destaque à outra.

PF, depois da aplicação do método, em Angicos e Mossoró (RN), é convidado por Paulo de Tarso, ministro da Educação de João Goulart, em 1963, a coordenar o Programa de Alfabetização Nacional. Assim,

depois de haver sido testado em ‘círculos’ na roça e na cidade, no Nordeste, o trabalho com o método foi levado por muitas mãos ao Rio de Janeiro, a São Paulo e a Brasília. Aquele era o tempo da criação dos *movimentos de cultura popular* (MCP), dos centros de cultura popular do movimento estudantil (CPC), do Movimento de Educação de Base da Igreja Católica (MEB), da campanha “De Pé no Chão também se Aprende a Ler”, da Prefeitura de Natal (...)

Os resultados obtidos – 300 trabalhadores alfabetizados em 45 dias – impressionaram profundamente a opinião pública. Decidiu-se aplicar o método em todo território nacional, mas desta vez com o apoio do Governo Federal. E foi assim que, entre junho de 1963 e março de 1964, foram realizados cursos de formação de coordenadores na maior parte das capitais dos Estados brasileiros. (...) O plano de ação de 1964 previa a instalação de 20 mil círculos de cultura, capazes de formar, no mesmo ano, por volta de 2 milhões de alunos (...).

Não houve tempo para passar das primeiras experiências para os trabalhos de amplo fôlego com a alfabetização de adultos. Em fevereiro de 1964, o governo do Estado da Guanabara apreendeu, na gráfica, milhares de exemplares da cartilha “Viver é lutar”. Logo nos primeiros dias de abril, a Campanha Nacional de Alfabetização idealizada por Paulo Freire foi denunciada publicamente como “perigosamente subversiva.”¹⁵

¹⁵ Carlos R. Brandão. *O que é método Paulo Freire*, p. 18 e 19.

Paulo Freire é então perseguido e preso pela ditadura militar; fica 75 dias preso em uma cela de 1,70 x 0,70 m. Não apanha, nem é fisicamente torturado, porém a sobrevivência nestas condições, o exílio para a Bolívia e o sofrimento psicológico por sua situação e por sua família é uma sanção mais do que esperável, partindo de quem partia, os militares. Entretanto é o exílio, primeiro na Bolívia, depois no Chile, depois nos EUA, depois em Genebra, enfim, nos vários lugares, que lhe permite continuar refletindo, pesquisando e trabalhando, fazendo seu trabalho vicejar. Poucos meses após sua estada no Chile, enquanto lá se respirava a democracia de Salvador Allende, pôde colocar em prática seu método. Não demorou para a Unesco reconhecer o Chile como exemplo de país no mundo pelo seu trabalho com o adulto analfabeto. Amplia então o alcance de seus trabalhos, é reconhecido internacionalmente,¹⁶ expondo cada vez mais a mentalidade tacanha dos militares brasileiros. Depois vai para os EUA e para a Europa onde, em Genebra, funda o IDAC (Instituto de Ação Cultural) desenvolvendo trabalhos na mesma linha na África e América Central. Em 1980 volta ao Brasil para ser devidamente conhecido em seu país, após a “concessão da anistia”. Desde então, continua trabalhando como professor, pesquisando, editando, e compromete-se com o cargo de secretário da Educação, de 1988 a 1990, da prefeitura de São Paulo, gestão de Luíza Erundina, do Partido dos Trabalhadores (PT). Em sua gestão, recebe igualmente sanção positiva – o reconhecimento de que o professor foi valorizado, escolas receberam equipamentos e sua administração foi colegiada; entretanto, a amplitude do trabalho teve somente um efeito demonstrativo, pois não chegou à rede como um todo.

¹⁶ Conforme Venício A. Lima, havia, em 1981, pelo menos três livros, resumindo seu trabalho; seus escritos foram publicados nos EUA, vários lançados em espanhol, ao passo que o Ontario Institute for Studies in Education, de Toronto (Canadá), mantém uma série de publicações exclusivamente voltada para a obra de Paulo Freire em sua biblioteca. (...) Pelo menos 26 teses acadêmicas somente nos EUA foram defendidas, p.141.

Hoje, casado com Ana Maria A. Hasche, está adoentado; aos 74 anos de vida, Paulo Freire é considerado um pensador que extrapola os limites tanto de uma área, a pedagógica, quanto os regionais, pois é um homem do seu tempo e do mundo.

Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. 6ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1976.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 9ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

_____. *Extensão ou Comunicação*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

_____. *Cartas à Guiné Bissau: relatos de uma experiência em processo*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo e GUIMARÃES, Sérgio. *Sobre Educação: diálogos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1984, vol. 2.

JANNUZZI, Gilberta Martino. *Confronto pedagógico: Paulo Freire e Mobraal*. 3ª ed. São Paulo, Cortez, 1987.

LIMA, VENÍCIO Arthur de. *Comunicação e cultura: as idéias de Paulo Freire*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

GADOTTI, Moacir. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo, Scipione, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é método Paulo Freire*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

MELO, José Marques de. 'A comunicação na pedagogia de Paulo Freire' em *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, junho de 1980, pp.92 a 113.

Entrevista com Paulo Freire. *Revista Chasqui*, Quito, Equador, nº 2, 1982.

Folha de S. Paulo. *Educação pela Fome*. Entrevista a Marilene Felinto e Mônica Rodrigues Costa, Caderno Mais, 29/05/94.